

CONVERSANDO COM O OBJETO TRANSFORMACIONAL DE CHRISTOPHER BOLLAS

TALKING WITH THE TRANSFORMATIONAL OBJECT OF CHRISTOPHER BOLLAS

HABLANDO CON EL OBJETO TRANSFORMACIONAL DE CHRISTOPHER BOLLAS

Lucas Krüger¹

Resumo: O presente ensaio propõe-se a dialogar com o conceito de objeto transformacional na obra de Christopher Bollas. O conceito, gestado entre 1973 e 1977 e publicado em *A sombra do objeto*, de 1987, designa a experiência pela qual o bebê é transformado na relação com a mãe antes de constituí-la como objeto total. Essa experiência não se inscreve como traço mnêmico de conteúdo, mas como memória de processo — de caráter estético — que orienta, de modo persistente, a busca por experiências transformacionais ao longo da vida. O ensaio examina articulações do conceito com outras formulações de Bollas, como o *impensado conhecido*, o *destiny drive* e o *idioma pessoal*, situando-o em relação à metapsicologia freudiana e ao pensamento de Winnicott. Argumenta-se que o objeto transformacional não se opõe às formulações freudianas centradas no conteúdo representacional, mas as complementa ao deslocar o foco para os processos inconscientes procedurais e para a dimensão estética da experiência subjetiva. São também examinadas implicações clínicas do conceito, com ênfase no lugar do analista como objeto transformacional na cena analítica, na dialética da diferença como princípio técnico e na centralidade do idioma pessoal do analista no curso do processo. O texto inclui ilustrações clínicas do autor e propõe articulações teóricas próprias, em consonância com o estilo ensaístico que orienta sua escrita.

Palavras-chave: Objeto transformacional. Christopher Bollas. Impensado conhecido. Idioma pessoal. Técnica psicanalítica.

Abstract: This essay engages with the concept of the transformational object in the work of Christopher Bollas. The concept, developed between 1973 and 1977 and published in *The Shadow of the Object* (1987), refers to the experience through which the infant is transformed in the relationship with the mother before constituting her as a whole object. This experience is not inscribed as a mnemonic trace of content but as a memory of process — aesthetic in character — that persistently guides the search for transformational experiences throughout life. The essay examines the concept's articulations with other Bollasian formulations, such as the unthought known, the destiny drive, and the personal idiom, situating it in relation to Freudian metapsychology and Winnicott's thought. It argues that the transformational object does not oppose Freudian formulations centered on representational content but rather complements them by shifting the focus toward procedural unconscious processes and the aesthetic dimension of subjective experience. The clinical implications of the concept are also examined, with emphasis on the analyst's place as a transformational object in the analytic setting, on the dialectic of difference as a technical principle, and on the centrality of the analyst's personal idiom in the course of the analytic process. The text includes the author's clinical illustrations and proposes original theoretical articulations, in keeping with the essayistic style that guides the writing.

Keywords: Transformational object. Christopher Bollas. Unthought known. Personal idiom. Psychoanalytic technique.

¹ Psicanalista e escritor. Dentre as suas publicações, destacam-se *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise* (2023) — publicado em 2026 em língua inglesa pela editora Routledge (Londres/Nova York) — e *Interlocuções na fronteira entre psicanálises* (2017), bem como seu trabalho de tradução e autoria de livros de poesia e literatura infantil. É diretor da recém-lançada série Ferenczi — Traduções do Original (2025). ORCID: 0009-0003-2444-9945. E-mail: lucas_kruger@hotmail.com

Resumen: El presente ensayo se propone dialogar con el concepto de objeto transformacional en la obra de Christopher Bollas. El concepto, elaborado entre 1973 y 1977 y publicado en La sombra del objeto (1987), designa la experiencia por la cual el bebé es transformado en su relación con la madre antes de constituirla como objeto total. Dicha experiencia no se inscribe como huella mnémica de contenido, sino como memoria de proceso — de carácter estético — que orienta, de manera persistente, la búsqueda de experiencias transformacionales a lo largo de la vida. El ensayo examina las articulaciones del concepto con otras formulaciones de Bollas, como lo impensado conocido, el destiny drive y el idioma personal, situándolo en relación con la metapsicología freudiana y el pensamiento de Winnicott. Se argumenta que el objeto transformacional no se opone a las formulaciones freudianas centradas en el contenido representacional, sino que las complementa al desplazar el foco hacia los procesos inconscientes procedurales y la dimensión estética de la experiencia subjetiva. Se examinan también las implicaciones clínicas del concepto, con énfasis en el lugar del analista como objeto transformacional en la escena analítica, en la dialéctica de la diferencia como principio técnico y en la centralidad del idioma personal del analista en el curso del proceso. El texto incluye ilustraciones clínicas del autor y propone articulaciones teóricas propias, en consonancia con el estilo ensayístico que orienta su escritura.

Palabras clave: Objeto transformacional. Christopher Bollas. Impensado conocido. Idioma personal. Técnica psicoanalítica.

CONVERSANDO COM O OBJETO TRANSFORMACIONAL DE CHRISTOPHER BOLLAS²

Neste ensaio, proponho-me a dialogar com o conceito de transformacional, de Christopher Bollas. Trata-se de um conceito de grande fecundidade, tanto pelo valor que agrega à compreensão da cultura e das formas pelas quais nos relacionamos com seus elementos quanto por sua utilidade clínica — especialmente no que diz respeito ao analista, tanto como objeto quanto como sujeito, e às relações transferenciais aí implicadas. Bollas destaca, em todas essas experiências, a centralidade de sua dimensão estética.

Seu conceito de objeto transformacional foi inicialmente trabalhado em seus cadernos, entre 1973 e 1977 (Bollas, 2015b, p. 45), antes de se tornar a pedra angular de seu primeiro livro, *The shadow of the object — A sombra do objeto* (Bollas, 2015a), uma coletânea “de artigos escritos, a partir do início da década de 1970, ao longo de 15 anos, que foram revisados e reelaborados [...] por dois anos, em 1985/1986” (Gurfinkel, 2015, p. 13).

O título de meu escrito anuncia “conversar” com as ideias de Bollas porque, mais do que elucidar seu pensamento, interessa-me escrever de acordo com a forma como me relaciono com ele. Portanto, a linha de construção deste ensaio não pretende “fugir” de comunicar-se a partir dos efeitos que o objeto-texto de Bollas produz em mim — já incorporados e atravessados pela minha própria linguagem, nem sempre coincidente com a de Bollas, justamente por já estabelecer novas ligações com o meu *idioma pessoal* (para usar o conceito de Bollas). O idioma pessoal³ é um termo que já se faz presente em seu primeiro livro, mas que se torna

² Este ensaio foi originalmente escrito em 2018, com o intuito de integrar uma série de publicações dedicadas a conceitos da obra de Christopher Bollas. No período que se seguiu, estive envolvido em outros projetos editoriais e de escrita — entre eles, livros autorais e trabalhos de tradução de autores como Sándor Ferenczi e Karl Abraham —, de modo que este texto acabou permanecendo inédito. Nesse intervalo, publiquei três outros trabalhos dedicados à obra de Bollas; ainda assim, este ensaio, o primeiro que escrevi sobre o autor, permaneceu “adormecido”. Retomo-o agora, em 2026, procedendo a uma revisão mínima, com o cuidado de preservar ao máximo a formulação e o espírito do texto original.

³ Há divergências quanto à tradução dos termos em inglês utilizados para designar a singularidade do idioma de cada sujeito, bem como diferentes usos linguísticos empregados por Bollas para expressar esse conceito. Observam-se ao menos três alternativas distintas na obra de Bollas em português. Nas próprias traduções do texto “O objeto transformacional” há variações: na edição de *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido*

mais bem desenvolvido em *Forças do destino: psicanálise e idioma humano* (Bollas, 1992b). De modo resumido, poderíamos dizer que o idioma pessoal refere-se a um *self-essência*, à presença singular do ser que cada um de nós é — o idioma da nossa personalidade. Esse idioma único, quando desenvolvido, manifesta-se em formas singulares de expressão, nas mais diversas linguagens, estados internos e modalidades de comunicação objetal.⁴

Resumidamente, Bollas (2015d, p. 63) nos explica a relação transformacional:

Antes de a mãe ser personalizada para o bebê como um objeto total, ela funcionava como uma região ou como uma fonte de transformação. E como a própria subjetividade nascente do bebê é quase completamente uma experiência das integrações do ego (cognitivo, libidinal, afetivo), o primeiro objeto é identificado com as alterações do estado do ego. Com o crescimento do bebê e o aumento da confiança própria, a relação com a mãe muda, de “mãe como o outro que altera o self”, para uma pessoa que tem sua própria vida e suas próprias necessidades.

E, em seguida, complementa tratar-se de uma experiência estética: a experiência de ser transformado pelo outro.

Aquilo que se vive como experiência de transformação pelo outro permanece não como traço mnêmico de conteúdo, mas como memória de processo. Uma memória que diz respeito à forma da experiência e ao seu acontecer, e que orienta, de maneira persistente, a busca por vivências estéticas ao longo da vida, tenha ela sido satisfatória e prazerosa ou não. Em termos prototípicos, o objeto transformacional é o objeto-mãe que, ao oferecer o cuidado (e a sexualidade — se pensamos em Freud), acaba por transformar o *infans* que — devido ao ápice dessa experiência — vive a buscar relações objetais em que pode transformar-se a si mesmo tal qual nesse modelo primário.

Também é importante ressaltar que, embora o conceito de objeto transformacional tenha sido gestado nos cadernos de Bollas entre 1973 e 1977, a essência desse conceito permanece no cerne de seu pensamento até os dias atuais, ainda que desdobramentos de sua experiência clínica e de sua escrita o tenham levado a certo desuso em sua comunicação ao longo do tempo. É como se fosse possível reconhecer a presença do objeto transformacional ao longo de toda a obra de Bollas, ainda que nem sempre de forma explicitamente nomeada⁵. Algo semelhante pode ser encontrado, em termos de comparação, na obra de Freud. Poderíamos lembrar, nesse sentido, do *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1996a), escrito em 1895, publicado apenas postumamente e jamais citado pelo autor em seus textos posteriores, mas cuja influência é claramente perceptível em boa parte de sua produção. Trata-se de algo embrionário que permanece presente mesmo de modo indireto — algo que diz respeito não apenas ao uso de um conceito específico, mas ao funcionamento que ele designa desde o início da vida e que atravessa tudo aquilo que advém posteriormente.

No caso de Bollas, em comparação com a metapsicologia freudiana, pode-se dizer que o conceito de objeto transformacional desloca o foco da psicanálise do conteúdo representacional para o processo, ressaltando a dimensão estética das primeiras relações e suas

não pensado (2015a), a expressão aparece traduzida como “idioma próprio”, enquanto na coletânea *A Escola Britânica de Psicanálise: The Middle Group, a tradição independente* (Kohon, 1994) surge como “idioma particular”. Em outras traduções da obra de Bollas, contudo, há a predominância do termo “idioma pessoal” (*personal idiom*).

⁴Para um desenvolvimento teórico mais profundo do conceito de *idioma pessoal* na obra de Bollas, ver Krüger (2023a).

⁵Décio Gurfinkel diria que há um “princípio transformacional” (2015) e até mesmo uma “epistemologia transformacional” (2025) na obra de Bollas.

reverberações na vida psíquica adulta, inclusive na clínica. Nessa perspectiva, o analista parece não apenas como intérprete de conteúdos inconscientes, mas como uma presença implicada em uma experiência capaz de operar transformações.

O primeiro livro de Christopher Bollas, *The shadow of the object* (2015a), possui o subtítulo “Psychoanalysis of the unthought known”. A edição brasileira o traduziu por *Psicanálise do conhecido não pensado*, formulação que pode sugerir, em português, a ideia de algo que ainda não foi pensado, mas que permaneceria potencialmente disponível ao pensamento. No entanto, a noção proposta por Bollas pode também apontar para outra direção. O *unthought known* não designa um conteúdo simplesmente ainda não elaborado, mas um modo de saber que, embora conhecido, não se organiza segundo as formas do pensamento reflexivo ou conceitual. Trata-se de um saber inscrito na experiência relacional primária, corporal e afetiva, que estrutura a vida psíquica sem jamais ter sido tematizado como representação. André de Martini indica que utilizemos a formulação *impensado conhecido*⁶. Creio ser uma proposta interessante, na medida em que preserva o paradoxo central do conceito: algo que é conhecido precisamente na medida em que não “consegue” ser pensado, ao mesmo tempo em que pode se tratar também de algo que venha a ser pensado. Encaro o conceito de Bollas como paradoxal porque ele abarca tanto o que é da ordem do estritamente irrepresentável (mas que cria um outro tipo de marca — procedural —, como veremos) quanto aquilo que dá margem para que trabalhemos a partir do prisma representacional de Freud (algo que tem potencial para vir a ser representado).

Há uma passagem de Bollas que me parece particularmente interessante para começarmos a pensar sobre o que seria esse *impensado conhecido*:

Este sujeito pode vivenciar um momento estético quando enfrenta um objeto externo formidável ou confuso, que lhe provocará uma perturbação interna, submetendo-o a um sentimento estranho do horrível e do familiar (Bollas, 2015c, p. 71).

Nessa formulação, aquilo que se apresenta como *impensado conhecido* dialoga com o *Unheimliche* freudiano (Freud, 2006) — o inquietante, o estranho-familiar —, ainda que deslocado de seu contexto conceitual original. Enquanto a teorização freudiana se organiza prioritariamente em torno do circuito pulsional e representacional, Bollas dirige sua atenção a modos de funcionamento que não se deixam apreender pela temporalidade do “ainda não pensado”, uma vez que já se encontram inscritos como processo de funcionamento. Há algo em si que vive de modo marcante e que foge à lógica representacional de Freud.

O *impensado conhecido*, em Bollas, portanto, abre caminho para pensarmos o que está intimamente ligado ao que se situa na ordem da estética. O momento estético inaugural refere-se à experiência que ocorre com o *infans* em seu contato com o primeiro objeto. Não se trata, portanto, de remeter à mãe enquanto figura, mas de considerar aquilo que se passa, em nível funcional — em sua função transformacional —, nesse encontro inaugural com o outro. Há uma ênfase no processo — algo do originário que não é da ordem do recalque. “O momento estético é uma ressurreição evocativa da condição egóica precoce”, diz-nos Bollas⁷.

⁶ Essa perspicaz tradução do termo *unthought known* por “impensado conhecido”, em vez de “conhecido não pensado”, é proposta por André De Martini (2012).

⁷ No capítulo “O espírito do objeto como a mão do destino” de *A sombra do objeto*, Bollas (2015a, p. 73) introduz a questão da “evocação do objeto”, conceito que será desenvolvido de modo mais sistemático em *Being a character* (1992a). De forma resumida, trata-se da busca — em grande parte inconsciente — por objetos que evoquem as condições do funcionamento estético primário, tal como formulado no conceito de objeto transformacional.

O chamado objeto evocativo não transforma por si mesmo, mas reativa, no sujeito, uma experiência de transformação anteriormente vivida, em consonância com o seu idioma pessoal. É nesse sentido que um mesmo objeto pode ser profundamente evocativo para um sujeito e indiferente para outro: a evocação depende das

Freudianamente, a busca pelo objeto transformacional poderia ser interpretada tanto pelo viés da busca por satisfação e do princípio do prazer quanto por aquele ligado às moções mortíferas e à repetição do traumático — ainda que tais formulações não tenham sido feitas por Bollas em termos freudianos, como aqui proponho. O objeto é transformacional independentemente de sua qualidade ter sido positiva ou negativa na constituição do bebê. A relação com esse objeto o transforma de qualquer maneira: seja de modo suficientemente bom, como diria Winnicott (1975a), auxiliando o desenvolvimento e a realização do idioma pessoal do sujeito, seja de forma mais nociva, fruto de uma relação mãe-bebê vivida patologicamente e/ou marcada por contornos traumáticos.

As sensações vividas com esse objeto transformacional permanecem como algo eternamente almejado e buscado posteriormente nos mais variados objetos, seja ainda na infância, seja na vida adulta. “A busca do objeto transformacional é uma busca de memória infinita, por algo no futuro que reside no passado” (Bollas, 2015c, p. 75). Essa afirmação é de extrema importância, pois abre a possibilidade de pensarmos a relação do ser humano com os mais diversos objetos (incluindo os inanimados) — especialmente os da cultura e da arte — e, ao mesmo tempo, oferece uma nova forma de encarar e vivenciar os processos transferenciais.

A perspectiva de Bollas difere, mas não se opõe, a outras perspectivas acerca do movimento que faria o ser humano, como o próprio autor explicita em textos posteriores (2005; 2012; 2013). Não há, em sua proposta, uma negação de uma constituição psíquica fundada em marcas de conteúdo, como a freudiana; há, antes, uma ampliação em direção às marcas processuais. Isso faz com que a visão que se teria do inconsciente se torne ainda mais vasta. Uma metáfora interessante para tentar elucidar essa ideia seria o Universo. Jamais se trata de esquecer como funciona a vida na Terra ou no Sistema Solar, mas de considerar que há funcionamentos distintos — análogos ou não — em outras galáxias. Elementos sólidos, gasosos, buracos negros. Hoje possuímos robôs explorando Marte; há cem anos, não havia a menor possibilidade de isso ocorrer. Da mesma forma, inúmeras descobertas científicas ainda não haviam sido feitas quando Freud cunhou seus modelos teóricos. Esses modelos, obviamente, não são obsoletos, mas tampouco alcançam as “galáxias” e “constelações” mais distantes. Eu diria que Bollas tende a conceber os diversos modelos teóricos da psicanálise como funcionamentos regidos por regras e elementos distintos, assim como um planeta pode possuir predominantemente água e outro, substâncias gasosas. Haveria, portanto, muitos estados possíveis dentro do espectro humano e de seu inconsciente: nem todos situados no campo do representacional. É nessa perspectiva que se incluem essas marcas internas mais ligadas ao processo.⁸

Bollas não está propondo entrar em conflito com a noção de pulsão — segundo a qual o grande objetivo psíquico seria a satisfação e o apaziguamento das tensões internas (Freud, 1996b) —, mas antes afastar-se desse sistema teórico, como ele próprio justifica (Bollas, 2015a), a fim de desenvolver um novo ângulo para a escuta. Ao fazê-lo, deixa clara a importância de o analista possuir conhecimento de diversas vertentes teóricas, de modo a não se aprisionar a um único modelo, mas a estar apto a utilizar as teorias-objeto da maneira mais rica possível no trabalho analítico. Para Bollas, cada teoria-objeto seria capaz de acessar elementos e estados internos com particularidades que outra não alcançaria. A aplicação dessa

singularidades da história experiencial e da forma própria pela qual cada sujeito organiza, reconhece e repete certas qualidades estéticas fundamentais de sua experiência psíquica.

⁸ A metáfora que desenvolvi neste ensaio — ainda em 2018 — aproxima-se, em parte, daquela que viria a ser elaborada posteriormente em *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise* (Krüger, 2023b). Nesse trabalho, propus um modelo de escuta a partir da noção de *regiões psíquicas*, articulado por meio de metáforas geográficas e espaciais — bem como da noção de *nuvem* — no qual se distinguem diferentes modos de funcionamento interno, nem todos redutíveis ao campo representacional. Embora formulado em outro contexto teórico e com objetivos distintos, esse modelo guarda certa afinidade metafórica com a imagem aqui trabalhada, sobretudo no que diz respeito à ideia de múltiplos regimes de funcionamento psíquico coexistentes.

ideia envolve uma noção de alteridade e uma exigência de reconhecimento das diferenças. Em termos clínicos, o autor propõe uma **dialética da diferença** (Bollas, 1992b, p. 81), segundo a qual a comunicação do analista deve comportar um princípio de autenticidade que o marque como sujeito vivo e singular. Ao marcar-se como sujeito, o analista marca-se, ao mesmo tempo, como objeto a ser usado a partir da alteridade, e não apenas como um objeto passível de um uso repetitivo no campo transferencial. Isso não significa, por exemplo, que o analista deva trazer ativamente conteúdos pessoais para a sessão, mas que, no nível da forma de comunicação, deixe transparecer sua identidade de fala. Tal posicionamento pode propiciar que o analisando se sinta com a mesma liberdade para exercer sua própria identidade e seu idioma pessoal, para além do que estaria circunscrito aos conteúdos recalcados. Caso essas considerações a respeito da dialética da diferença soem simplificadas ou levianas, creio que essa impressão se desvanecerá à medida que o texto avança.

É perceptível, em Bollas, a própria ideia de uso do objeto — e da transformação a partir dele — operando em sua escrita. Não há, em seu pensamento, uma aderência rígida a um sistema conceitual único; antes, ele faz do conceito do outro algo que possa funcionar para si. Esse princípio de uso do objeto manifesta-se no fato de Bollas mobilizar, em um mesmo texto — como ocorre em *O objeto transformacional* —, nomenclaturas oriundas da escola inglesa, como objeto total e identificação projetiva, ao mesmo tempo em que recorre aos conceitos de real e imaginário em Lacan. Sua escrita parece obedecer, assim, ao mesmo princípio que ele teoriza: o uso do objeto em nível de funcionamento, para além do que seria o objeto teórico tomado como totalidade ou como representação manifesta (*Darstellung* — apresentação). O que se encontra em primeiro plano é o uso daquilo que o objeto propicia. Como o próprio Bollas afirma: “a experiência do objeto precede o conhecimento do objeto” (2015a, p. 74).

O objeto teórico psicanalítico, antes de tudo, deve servir a transformações em seu leitor. A partir do uso desses objetos, o leitor deveria buscar menos a adesão à sua concretude e mais o desenvolvimento de seu próprio idioma pessoal psicanalítico. Ao longo de suas produções, Bollas se desvincula de alguns termos, cria e passa a utilizar outros, buscando novos ângulos de abordagem para o fenômeno transformacional. Ele propõe uma teoria do uso do objeto que é, ao mesmo tempo, uma teoria da internalização de um funcionamento e da expressão desse funcionamento — no caso, de um funcionamento de si orientado para a busca de experiências transformacionais.

É notável, em seus escritos, uma forte valorização do paradoxo, justamente porque, em vez de tratar as diferentes teorias como conflitos, Bollas as faz conviver paradoxalmente. Ele as toma como objetos possíveis de serem usados pelo analista, preservando sua singularidade e diversidade e suspendendo qualquer hierarquização rígida entre elas⁹. Essa posição implica também uma lógica de não apego a um único objeto teórico — não apenas no sentido do domínio, mas também do investimento afetivo que o torna excessivamente familiar. Torna-se, assim, necessário também saber “abrir mão” dos objetos teóricos mais amados e mais bem dominados e lançar-se a outros, atitude em plena congruência com a almejada posição de não saber do analista.

O compartilhamento da experiência — seja no mesmo espaço de objetos teóricos distintos, seja entre dois seres diferentes no espaço da sessão — encontra-se em íntima sintonia com aquilo que Winnicott (1975a, p. 10) propõe a respeito do paradoxo:

Minha contribuição é solicitar que o paradoxo seja aceito, tolerado e respeitado, e não seja resolvido. Pela fuga para o funcionamento em nível puramente intelectual, é possível solucioná-lo, mas o preço disso é a perda do valor do próprio paradoxo. Esse paradoxo, uma vez aceito e tolerado, possui valor para todo o indivíduo humano [...].

⁹ Bollas inclusive discute as hegemonias teóricas que acabam por sufocar a psicanálise. Ver Krüger (2021).

Mas não só. Tal perspectiva faz com que o princípio ético fundamental do analista não seja o de uma idealizada e impossível posição de neutralidade, mas o de uma posição de alteridade. Evidentemente, o fato de o analista mostrar-se como sujeito não significa atuar em sessão seus próprios conflitos, tampouco expor-se de modo inadequado. Ainda assim, seria impossível que ele não estivesse presente como sujeito: seja pela maneira como pronuncia uma palavra, como utiliza a voz, o tom, as pausas ou mesmo pela forma como cumprimenta o analisando. O idioma pessoal do analista estará sempre em jogo — assim como sempre esteve desde Freud —, reconhecendo-o o analista ou não. O que se coloca em cena é o humano do analista, o seu idioma pessoal, o que é distinto de atuar em sessão conteúdos inconscientes próprios.

Seguindo o que envolve mais essencialmente o objeto transformacional, há algo que impulsiona o sujeito a dirigir-se a objetos que lhe proporcionam uma experiência estética, cuja matriz remonta às vivências estéticas originárias da vida. Na proposta de Bollas, os objetos da cultura em geral, e sobretudo os objetos artísticos, estariam intimamente ligados à busca dessa experiência estética proporcionada pelo objeto. O ser humano vai ao cinema, lê um livro ou escuta uma música movido pelo desejo de realizar uma experiência estética. Ele se dirige a esses objetos querendo ser afetado por essa experiência, desejando ser transformado pelo objeto-arte em questão. O encontro do espectador com o objeto-arte tem, assim, o objetivo inconsciente de repetir a experiência estética vivida em seus primórdios — enquanto forma-processo, e não necessariamente enquanto conteúdo, no sentido representacional freudiano. Busca-se a experiência de ser transformado pelo objeto. Não há garantias de que essa transformação efetivamente ocorrerá, mas há, no interior do sujeito, a expectativa de que, nesse encontro objetual, algo aconteça com o self: que algo o modifique, que algo novo advenha (o transforme — o desenvolva).

Aquilo que vem do outro, nesse contexto, não deve ser entendido como alienante, tal como ocorre quando o outro é pensado prioritariamente como instância de captura simbólica, nos termos lacanianos. Aqui, não se trata do outro enquanto lugar do significante, mas do outro enquanto processo transformacional e da capacidade do objeto de operar como meio de transformação.

O encontro objetual possibilita que o novo que se apresenta faça consonância com o idioma pessoal do indivíduo, promovendo o seu desenvolvimento. É colocando-se em contato com o *impensado conhecido* — que se atualiza nesse encontro com o objeto — que o indivíduo pode, progressivamente, desenvolver o seu idioma pessoal. Assim, em vez de uma suposta alienação, a relação com o objeto, e mais especificamente o uso de um objeto transformacional, configura-se como uma via de desenvolvimento daquilo que há de mais íntimo na natureza do sujeito: o seu idioma pessoal.

O processo transformacional, nessa perspectiva, estaria na base e na origem dos demais mecanismos psíquicos. O objeto transicional, tal como formulado por Winnicott (1975b), por exemplo, poderia ser pensado como um de seus desdobramentos. A experiência de transicionalidade corresponderia, assim, a uma elaboração posterior de um primeiro período essencialmente transformacional, que vai se tornando progressivamente mais complexo ao longo do tempo¹⁰. De certa maneira, o fenômeno transformacional permaneceria impregnado em todas as relações de objeto subsequentes, incluindo as amorosas, fraternas, agressivas e também aquelas vivenciadas no campo transferencial.

Ainda no que concerne à estética, é importante esclarecer que experiência estética não se confunde com beleza nem com experiências concretas de felicidade. O drama e o horror — seja em um objeto-livro, objeto-filme, objeto-música ou qualquer outra forma — também constituem experiências estéticas significativas. Não existe um bebê que tenha vivenciado

¹⁰ Bollas (2015a) deixa claro esse pensamento em *A sombra do objeto*.

apenas experiências de satisfação e momentos agradáveis em sua relação mãe-bebê; a frustração faz parte desse processo, incluindo as angústias de separação em relação à mãe, entre muitas outras possíveis. Por essa razão, produções artísticas que mobilizam doses intensas de angústia e sofrimento encontram espectadores com histórias afetivas diversas, incluindo aqueles que tiveram experiências predominantemente satisfatórias e não apenas os que viveram experiências marcadas pelo horror ou pelo drama. Haveria, assim, uma busca pelo vivido esteticamente (e proceduralmente) no passado — seja qual for sua tonalidade —, ao mesmo tempo em que se mantém a abertura para o futuro, para a emergência de novas experiências estéticas. O processo transformacional, nesse sentido, é algo que nos habita internamente e opera numa articulação contínua entre o passado e o futuro.

A experiência estética é, em sua essência, aquela que evoca uma abertura de si para a relação e que, sendo singular, implica a produção de transformações, no sentido de deixar uma marca e instaurar uma diferença a partir da nova vivência. Não se sai igual de uma experiência estética. **O ser humano não buscaria necessariamente os objetos apenas pela via da repetição, mas também na direção de experiências que ainda não possui, capazes de lhe complementar e promover seu desenvolvimento. Trata-se da busca pelo processo transformacional presente na relação objetal, isto é, de uma abertura à emergência do novo em si.**

Por que alguém procuraria um analista? Evidentemente, há motivos singulares em cada uma dessas buscas. Ainda assim, pode-se supor a existência de um vetor comum: a busca por vivenciar um processo transformacional. Nessa perspectiva, o analista é procurado como meio para esse processo. O objeto-analista é investido na expectativa de que o encontro possa promover uma experiência estética de transformação.

Isso introduz um deslocamento importante na compreensão da transferência. Considerar a dimensão transformacional implica pensar a transferência como algo que vai além da resignificação de conteúdos inconscientes reprimidos ou da repetição do traumático até sua elaboração na relação analítica. A escuta do objeto transformacional acrescenta, assim, uma camada suplementar à escuta transferencial. Ao mesmo tempo em que existem impulsos que conduzem o sujeito a conteúdos e situações traumáticas pregressas, haveria também um impulso em direção ao encontro com o novo na relação com o outro — e não apenas uma capacidade de mudança que poderia ou não ser ativada. Nesse sentido, a mudança passa a ocupar um lugar de força comparável ao da repetição, seja ela traumática ou ligada a cadeias representacionais conflituosas.

Do ponto de vista da técnica, coloca-se então a questão de como o analista pode estar disponível como um objeto que propicie essa transformação e favoreça o desenvolvimento do idioma pessoal do analisando. Essa preocupação está presente, de maneira evidente, na obra de Winnicott (1983). No entanto, para além das ações auxiliares da mãe — como o *holding* e o *handling* —, pode-se pensar que o processo transformacional opere em um nível inconscientemente mais profundo, funcionando como base subjacente a essas ações maternas. De certa forma, todas as funções essenciais da mãe no desenvolvimento do bebê poderiam ser compreendidas como expressões de sua função transformacional, entendida aqui como um conceito basal do desenvolvimento de si.

Sob esse prisma, ao buscar e desejar genuinamente uma análise, o inconsciente do analisando parece naturalmente orientado para essa dimensão transformacional que se apresenta na relação entre os pares. Isso implica uma abertura para que a experiência com o analista o afete e o transforme não apenas a partir do que já se encontra constituído em seu mundo interno, mas também a partir do que há de novo e pode advir desse encontro. Trata-se de uma disposição para experienciar algo que é, ao mesmo tempo, do outro e de si, em um movimento voltado ao desenvolvimento.

Por se tratar de uma experiência originária e primitiva do ser humano, o transformacional tende a adquirir grande potência durante a regressão/regrediência promovida pelo

processo analítico. Como a relação transformacional está interligada a transformações situadas em níveis anteriores à palavra, o analisando encontra-se inevitavelmente aberto a captar elementos e afetos do analista em um plano inconsciente. Isso ocorre independentemente da intenção ou do desejo consciente do analista e não se relaciona diretamente à qualidade da análise, entendida em termos de ser boa ou ruim.

Essa constatação ressalta a importância da pessoa do analista e de seu funcionamento inconsciente. Quanto mais o analista estiver apropriado daquilo que se passa na experiência transformacional — por mais difícil que isso seja —, maiores serão as chances de que o seu idioma pessoal favoreça o desenvolvimento do idioma pessoal do analisando, em vez de conduzi-lo a formas de engessamento, a adesões simbióticas ou à cristalização de estados de falso self e de repetições traumáticas. A análise do analista torna-se, assim, ainda mais decisiva. Pois, embora seja possível pensar em cuidados conscientes quanto aos efeitos de sua presença, o uso do outro como objeto transformacional ocorre em um nível inconsciente, sempre atravessado pelo risco de contaminação e de intoxicação psíquica, conforme se estabelecem as relações inconscientes entre analista e analisando¹¹.

Em casos mais graves, o cuidado central talvez resida em possibilitar que a identificação do analisando com o idioma pessoal do analista se dê a partir do que há de singular nesse idioma, de modo que o sujeito possa desenvolver o que há de singular em si mesmo — algo que pode estar interrompido, adormecido ou aprisionado em estados patológicos. O risco estaria menos na identificação em si do que na adesão ao outro como modelo idealizado de ser. Ou seja, se mecanismos de identificação são inevitáveis em processos transferenciais — pois são —, é importante que a identificação não se cole por vias idealizatórias do analista ou ligadas a supostos conteúdos representacionais ligados a ele, mas, sim, que ocorra uma identificação com o processo do analista: ser quem se é, alguém que desenvolve seu próprio idioma, que se esforça por desenvolver seu idioma, de maneira não alienante. Em última instância, o analisando identificar-se em ser si mesmo ao perceber o analista ser si mesmo.

Para fornecer um exemplo didático quanto a isto, ocorre-me lembrar de inúmeras sessões de análise de uma criança de oito anos, que atendi há quase 20 anos, e que se centravam justamente em analisar e discutir cada tomada de decisão nos desenhos que ambos fazíamos. Para além de pensarmos juntos o que cada um poderia desenhar e por quais motivos (levando em conta todas as singularidades representacionais do caso), eu valorizava suas ideias e sugestões para o meu desenho (o que fazia muito sentido para o caso, também), mas pensei ser necessário que eu, de forma ativa, não acatasse suas ideias — preferindo dizer que eu faria tal parte do desenho “do meu jeito”. Intervenções que tiveram como consequência ele se identificar com a minha postura de “fazer do meu jeito” (e não uma identificação com o conteúdo de meu desenho) em diversas outras situações, para além de seus próprios desenhos, ajudando-o a sair de um engolfamento parental brutal, que o fazia viver sua vida tal qual um menino de três ou quatro anos, e não de oito — totalmente aprisionado psiquicamente.

Para além desta ilustração de uma análise de crianças, é preciso reiterar que, também em análise de adultos, devemos evitar intervenções afetivamente secas, embotadas ou pouco sensíveis, visto que podem ser compreendidas como comunicações que operam no nível da não palavra, transmitindo, implicitamente, uma determinada concepção de vida: dura, árida, sem movimento. Mesmo quando as palavras são cuidadosamente escolhidas, o analista pode, inadvertidamente, comunicar algo muito distinto no plano inconsciente — um caráter obsessivo e perfeccionista, por exemplo (a tal da intervenção “cirúrgica”). Não basta, portanto, trabalhar o conteúdo em detrimento da forma. A estética da comunicação mostra-se tão decisiva para a movimentação psíquica quanto a elaboração do representacional e do traumático.

¹¹ Ver Krüger (2025a).

Por outro lado, intervenções criativas, humoradas ou corajosas — por parte do analista — também passam a habitar o mundo interno do analisando. A relação humana vivida em análise adquire, assim, o mesmo estatuto de importância que os conteúdos provenientes do inconsciente recalcado ou das forças destrutivas internas. O conceito de objeto transformacional contribui justamente para incluir a forma — para além do conteúdo — na escuta analítica, chamando a atenção para gestos, silêncios, entonações e sutilezas verbais que circulam de inconsciente a inconsciente, sempre atravessadas pela relação.

Embora Bollas tenha formulado o conceito em um momento em que predominavam, em sua clínica, casos graves, não me parece que sua utilidade se restrinja a esse espectro. Mesmo em quadros neuróticos, o transformacional pode operar de maneira decisiva. Quando o analista se permite errar e, posteriormente, reparar o erro, comunica algo que ultrapassa o nível do conteúdo: que errar é possível, que a relação pode sobreviver à falha, que a vida segue. Ao reparar, naturaliza-se o erro como parte do humano e abre-se espaço para a emergência da alteridade.

Esse tipo de experiência, por exemplo, pode ser particularmente transformadora para sujeitos com organizações obsessivas. Ao admitir sua falha, o analista desorganiza — no bom sentido — aquilo que o analisando tenta manter rigidamente organizado, ao mesmo tempo em que rompe com ideais de perfeição. Trata-se de uma experiência estética passível de produzir transformação, favorecendo a retomada do desenvolvimento do idioma pessoal do sujeito. Um analista que nunca erra, que mantém sempre intervenções “corretas” e uma postura afetivamente distanciada, corre o risco de oferecer apenas um espelho do sintoma obsessivo, empobrecendo o campo analítico e tornando-o infértil no plano transformacional.

Nesse sentido, o analisando não apenas pode vir a usar o analista como objeto: ele está, de fato, sempre o usando nesse nível profundo e transformacional. A maneira como o analista comunica seu idioma pessoal — reconheça isso ou não — faz diferença decisiva no curso do processo analítico. Como afirma Bollas, “o uso do self verdadeiro do analista é a força do idioma descobrindo-se por meio das experiências de objeto” (1992b, p. 29).

Há situações em que o transformacional se manifesta por meio de gestos mínimos, quase silenciosos, cujo valor só se revela a posteriori. Recordo, nesse sentido, uma paciente que estava nos primeiros tempos de sua análise — e também nos primeiros tempos de minha própria clínica. Vinda do interior, encontrava-se particularmente vulnerável: havia sido afetivamente abandonada pelo pai e atravessava um momento de grande desamparo em sua vida, marcado por mudanças recentes, deslocamentos e pela dificuldade de sentir-se vista em suas necessidades mais elementares.

Em um dia de chuva intensa, ao final da sessão, perguntei-lhe se precisava de um guarda-chuva e lhe emprestei o meu. Tratou-se de um gesto simples (ainda que pensado por mim em duas vias — um gesto analítico, mas também um gesto humano), sem que, naquele momento (do ato analítico), pudesse haver qualquer perlaboração, comentário ou interpretação. Ainda assim, esse gesto veio a ser retomado, rememorado e perlaborado em sessões posteriores. Não como um ato isolado de cuidado, mas como algo que havia produzido uma diferença sensível em sua experiência: a de ser percebida e considerada em uma necessidade concreta — do tipo que lhe fez considerável falta em sua vida, sobretudo em relação ao pai. Assim, minha atividade¹² ao lhe oferecer o guarda-chuva veio a acrescentar algo novo dentro da transferência paterna que ela me direcionava. É importante salientar que, neste caso, não estou falando do aspecto conflituoso edípico entre pai e filha ou de transferências eróticas,

¹² Discuto essa “atividade” do analista com maior profundidade no texto “A elasticidade do psiquismo do analista e o tato na técnica psicanalítica”, publicado no volume *A elasticidade da técnica psicanalítica*, de Sándor Ferenczi, da série Ferenczi — Traduções do Original. Ver Krüger (2025a).

mas, sim, de que meu gesto evocou, naquele momento, um pai que cuida (ao invés de se negar a pagar pensão para a filha desde o nascimento) e tenta suprir um conforto básico para a filha¹³.

Com o tempo, foi possível reconhecer os efeitos desse encontro aparentemente banal. O gesto abriu espaço para que a analisanda pudesse buscar — e sustentar — relações com objetos, inclusive amorosos, capazes de reconhecê-la e enxergá-la de maneira distinta daquelas experiências anteriores em que suas necessidades permaneciam invisíveis. Não se tratou de uma correção do passado nem de uma reparação direta, mas da introdução de algo novo na economia de suas relações objetais: a possibilidade de ser vista.

Esse tipo de experiência poderia ser uma tentativa de ilustrar como o transformacional pode operar para além do conteúdo interpretativo. Um gesto que, em si mesmo, não explica nem simboliza, pode funcionar como experiência estética capaz de produzir deslocamentos duráveis. É nesse sentido que o analista, enquanto presença e enquanto meio, participa inevitavelmente do campo transformacional, não apenas pelo que diz, mas também pelo modo como se deixa afetar e responder ao encontro.

Situações como essas — aqui apenas recortadas, mas que atravessam cotidianamente o espaço clínico sob inúmeras formas, desde que estejamos disponíveis para escutar essas “janelas” —, enquanto experiências estéticas, foram decisivas para me conduzir ao encontro com a obra de Bollas e de outros autores que, até então, ainda não integravam meu horizonte teórico. A partir da obra de Bollas comecei a encontrar algumas palavras, alguns conceitos, para situações que vivia na clínica e que careciam de ressonância teórica por outras vias. O contato com sua obra foi um auxiliar fundamental para o desenvolvimento de minha escuta e de meu estilo clínico.

O transformacional, tal como formulado por Bollas, desloca o eixo da psicanálise do primado exclusivo do conteúdo representacional — sem jamais negá-lo — para a consideração do processo pelo qual o sujeito é afetado e se transforma. Ao enfatizar a dimensão estética das primeiras relações e suas reverberações ao longo da vida psíquica, esse conceito amplia a compreensão do inconsciente para além do campo do sentido e da interpretação. Nesse horizonte, o analista não comparece apenas como decifrador de significações recalçadas, mas como presença implicada em uma experiência viva, capaz de reativar modos primários de transformação do self.

REFERÊNCIAS

- BOLLAS, Christopher. *A questão infinita*. Trad. de Anne de Oliveira. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- BOLLAS, Christopher. *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. Trad. de Fátima Marques. São Paulo: Escuta, 2015a.
- BOLLAS, Christopher. *Associação livre*. Trad. de Lúcia Magalhães. São Paulo: Duetto, 2005. (Coleção Conceitos da Psicanálise, v. 3).
- BOLLAS, Christopher. *Being a character: psychoanalysis and self experience*. Londres: Routledge, 1992a.
- BOLLAS, Christopher. *Forças do destino: psicanálise e idioma humano*. Trad. de Rosa Maria Bergallo. Rio de Janeiro: Imago, 1992b.

¹³ Não é possível se estender no caso e eu não gostaria de ser simplista. O analista cumpre funções variadas no campo transferencial independentemente de seu gênero. Aqui estou mencionando um aspecto específico de um campo transferencial. Para compreender melhor as funções do analista, bem como o manejo da transferência no *setting* analítico, é relevante considerar os conceitos de ordem materna e ordem paterna, formulados por Christopher Bollas, os quais discuto no texto de minha autoria “A função do objeto-divã a partir da teoria e da técnica de Christopher Bollas” (Krüger, 2025b).

- BOLLAS, Christopher. Introdução. In: BOLLAS, Christopher. *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. Trad. de Fátima Marques. São Paulo: Escuta, 2015b. p. 45.
- BOLLAS, Christopher. O espírito do objeto como a mão do destino. In: BOLLAS, Christopher. *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. Trad. de Fátima Marques. São Paulo: Escuta, 2015c. p. 65-76.
- BOLLAS, Christopher. *O momento freudiano*. Trad. de Rafael Zeni. São Paulo: Roca, 2013.
- BOLLAS, Christopher. O objeto transformacional. In: BOLLAS, Christopher. *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. Trad. de Fátima Marques. São Paulo: Escuta, 2015d. p. 49-64.
- DE MARTINI, André. Uma antropologia do outro em mim: o impensado conhecido de Christopher Bollas. *Impulso: Revista de Ciências Sociais e Humanas*, v. 22, p. 77-89, 2012.
- FREUD, Sigmund. *O estranho*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVII).
- FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. I).
- FREUD, Sigmund. *Pulsões e seus destinos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- GURFINKEL, Décio. A sombra do objeto: epifania de um pensamento presente. Prefácio. In: BOLLAS, Christopher. *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. Trad. de Fátima Marques. São Paulo: Escuta, 2015. p. 13-36.
- GURFINKEL, Décio. O uso Bollas do objeto Winnicott: uma epistemologia transformacional. In: CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa (org.). *Por que Bollas?* São Paulo: Zagodoni, 2025. p. 43-56.
- KOHON, Gregorio (org.). *A Escola Britânica de Psicanálise: The Middle Group, a tradição independente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- KRÜGER, Lucas. A elasticidade do psiquismo do analista e o tato na técnica psicanalítica. In: FERENCZI, Sándor. *A elasticidade da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2025a. p. 31-77. (Série Ferenczi).
- KRÜGER, Lucas. A função do objeto-divã a partir da teoria e da técnica de Christopher Bollas. In: CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa (org.). *Por que Bollas?* São Paulo: Zagodoni, 2025b. p. 125-138.
- KRÜGER, Lucas. O idioma singular e a sua relação com os objetos em Christopher Bollas. *Pensamento Contemporâneo: Psicanálise e Transdisciplinaridade*, v. 3, n. 1, p. 27-36, 2023a.
- KRÜGER, Lucas. *Por que o divã?* Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2023b.
- KRÜGER, Lucas. Sobre as reflexões de Christopher Bollas a respeito do fascismo e do genocídio. *SIG Revista de Psicanálise*, v. 10, n. 1, 2021.
- KRÜGER, Lucas. *The psychoanalytic couch: listening perspectives and the poetics of psychoanalysis*. Londres/Nova York: Routledge, 2026.
- WINNICOTT, Donald W. Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 38-54.
- WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975a.
- WINNICOTT, Donald W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975b. p. 13-44.

Artigo recebido: 27 de fevereiro de 2026

Artigo aceito: 1º de julho de 2026